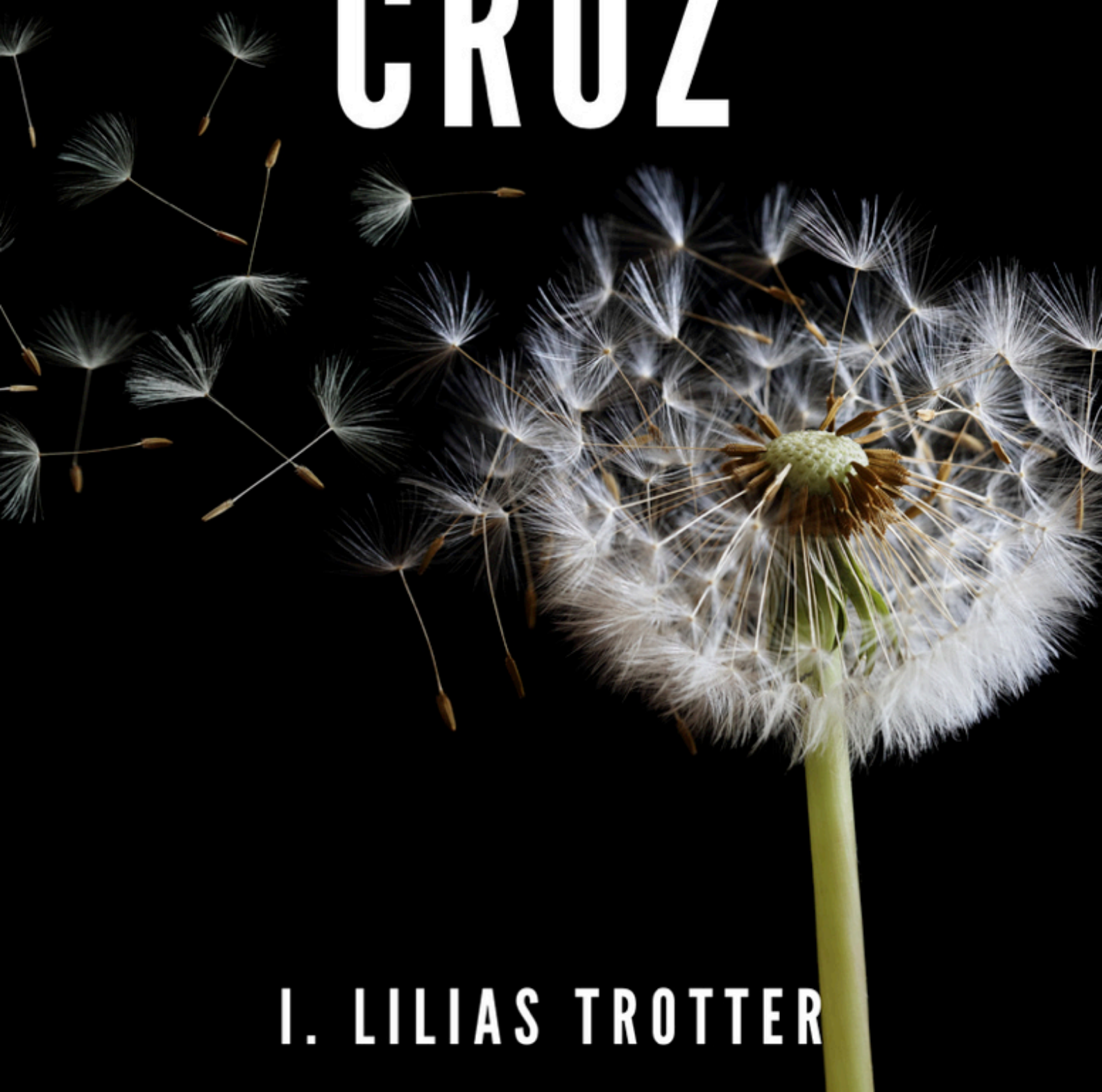


PARÁBOLAS DA CRUZ



I. LILIAS TROTTER

PARÁBOLAS DA CRUZ

I. Lílias Trotter

“Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mateus 7:13,14).

Este livro foi escrito e ilustrado por Lílias Trotter.
Sua primeira publicação foi em 1890.

SOBRE A AUTORA

Isabella Liliás Trotter (1853-1928) era uma amante da beleza e de Deus, e isso foi demonstrado em sua vida como artista, autora e missionária. Nascida em 1853 em uma família rica de Londres, seu talento foi notado pelo famoso crítico de arte John Ruskin. No entanto, em vez de seguir uma carreira artística, sentiu-se comissionada para ir à Argélia como missionária. Após ter sido rejeitada por uma sociedade missionária, seguiu para aquele país de forma independente, junto com outras duas mulheres solteiras. Ali viveu até sua morte, em 1928. A mensagem do livro *“The Parables of the Cross”* é simples e, ainda assim, de grande profundidade espiritual. Todas as imagens anexadas aos posts são de sua autoria. Mas a grande contribuição de Liliás Trotter não se resumiu em fazer belas ilustrações, mas principalmente pela capacidade de ilustrar verdades espirituais profundas que lhe eram percebidas a partir da natureza e da vida ao seu redor.

CAPÍTULO 1

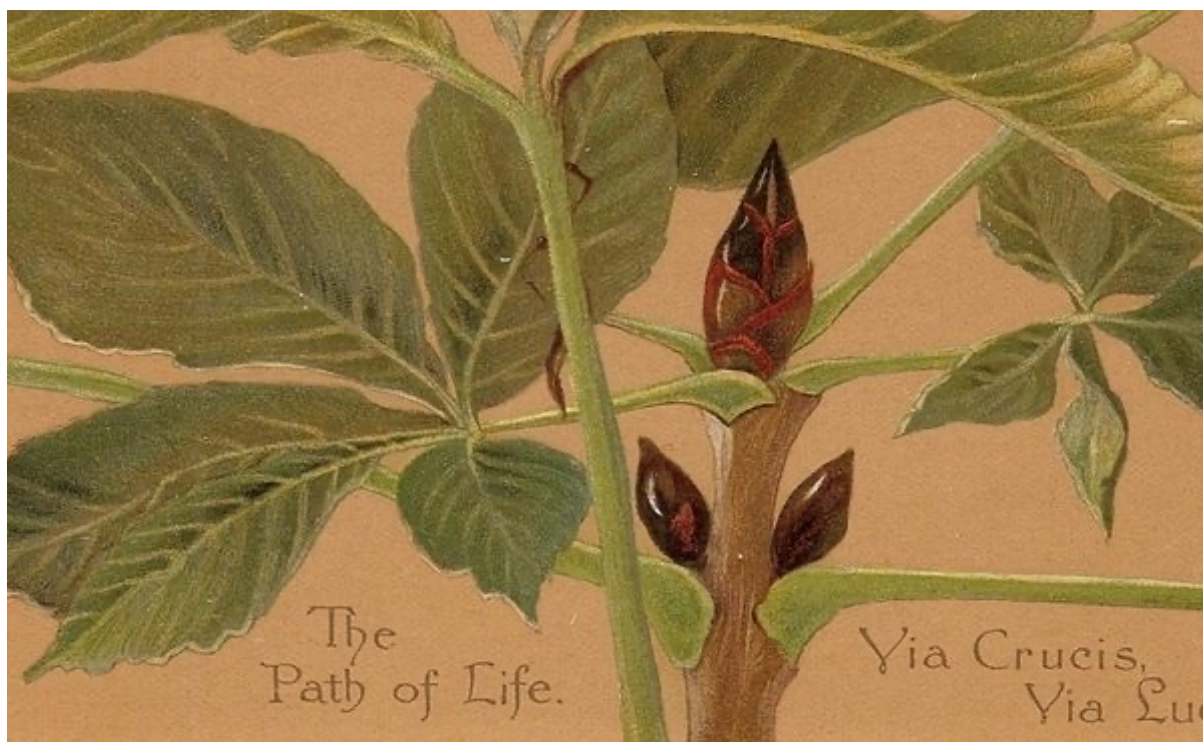
A morte é o portão para a vida

“Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mateus 7:13,14).

Temos uma profunda percepção agregada nessas antigas palavras. Isso porque no conceito natural do homem a morte indica um final sombrio, em decadência e decomposição. Se adotarmos seu ponto de vista, ele está certo: a morte como punição do pecado é, de fato, um fim.

Mas o conceito de Deus da morte ao redimir o mundo é bem diferente. O Senhor toma exatamente a morte, que é fruto da maldição do pecado, e a torna *no caminho da glória*. A morte se torna *num começo*, em vez de ser *um fim*, ela se torna *propriamente o meio de liberar uma nova vida*.

Dessa forma, a esperança que reside nessas lições parabólicas da morte e da vida são destinadas apenas àqueles que se voltaram para o Senhor para receber a redenção. Para aqueles que *não* se voltaram para o Senhor, a morte permanece atrelada à toda a sua antiga e terrível sentença, inevitável e irrevogável. As pessoas não redimidas não podem vislumbrar um brilho de luz nela.



[O Caminho da Vida]

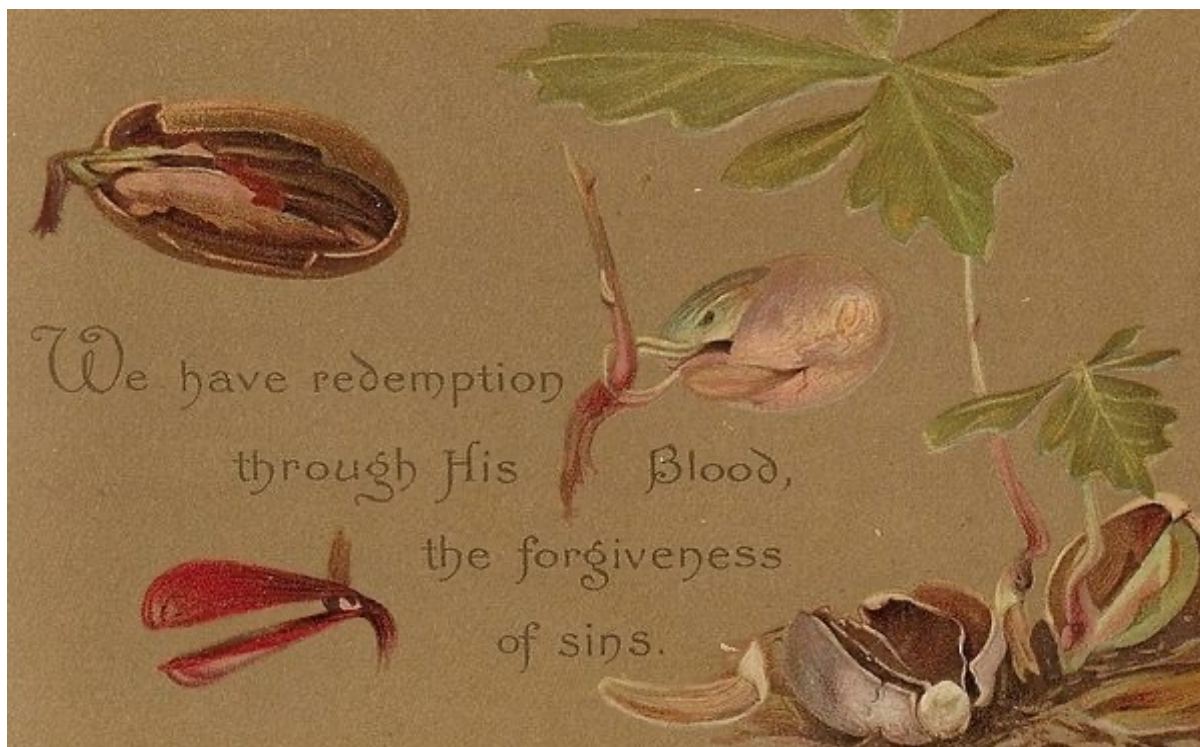
“A morte da cruz”, a hora do triunfo da morte. A partir desse ponto se abre o portão de Deus; e a esse portão retornaremos repetidas vezes, na medida que nossas vidas se desenrolarem nessa terra. Cada nova experiência da morte será ainda mais profunda, seguindo um alegre desfrute do poder de ressurreição, quando nos dirigimos no sentido de uma vida cada vez mais abundante. A vida cristã é um processo de libertação de um mundo em direção a outro, e a “morte”, como bem sabemos, “é a única maneira de sairmos do mundo que estivermos”.

“A morte é o portão da vida.” Será que é assim que a percebemos? Será que aprendemos a mergulhar com tranquilidade e confiança em suas sombras crescentes, uma e outra vez, sabendo que sempre existirá “uma melhor ressurreição” mais adiante?

Aprendi essa lição observando os estágios de crescimento de uma planta, sua brotação, florescimento e produção de sementes: vi nesse processo a lição da morte no seu poder de entrega. Não a visualizei como uma imagem rebuscada, mas como uma dessas diversas vozes pelas quais Deus fala, trazendo-nos força e alegria, a partir de Seu Santo Lugar.

Não é verdade que podemos rastrear o sinal da cruz nos primeiros indícios do amanhecer, no início da primavera? Em muitos casos, como ocorre com a castanha, antes que uma única folha velha desbote, já podem ser vistos os brotos do próximo ano no cume dos galhos e dos ramos, formados à sua semelhança. Em alguns galhos, os brotos parecem trazer sua marca, ao brotar no tronco vermelho-sangue. De volta

aos primeiros estágios da planta, vemos esse toque carmesim em suas novas folhas e brotos, e até mesmos naqueles ainda escondidos. Olhe para a o fruto do carvalho, por exemplo, enquanto quebra sua casca, e veja como o broto da árvore traz sua marca de nascença: o vermelho-sangue que reluz aos primeiros raios do amanhecer, o nascer do sol após a noite. As próprias estrelas, conforme a ciência agora nos diz, brilham com a mesma cor que nasceram no universo, e isso se deve à morte de estrelas que viviam antes delas.



[Temos a redenção pelo Seu sangue, o perdão dos pecados].

Seja como for na natureza, essa verdade prevalece no mundo da graça: cada alma que entra na verdadeira vida deve carregar desde seu início esse selo carmesim. Deverá haver a “aspersão individual do sangue de Jesus Cristo” [1Pe 1:2]. Essa alma precisa passar pelo portão da cruz.

Eis o que deve ocorrer. A morte é a única saída do mundo de condenação em que vivemos. Não conseguiremos combater o decreto atrelado a esse mundo, independente de nossas tentativas ou esforços nesse sentido, pois ele é irrevogável: “a alma que pecar morrerá” [Ez 18:4,20].

Essa é a única opção que nos resta. Qual será nossa escolha: vamos experimentar nossa própria morte *debaixo da velha liderança de Adão* no pleno sentido que Deus intencionou, ou vamos experimentar da morte *debaixo da liderança de Cristo*, a morte *de outro em meu lugar*?

É quando chegamos ao desespero, nos sentimos aprisionados, esperando pela nossa condenação, que a glória e a beleza desse escape provido por Deus alvorece diante de nós, e então nos submetemos Seus desígnios. Toda resistência cai por terra quando a fé aceita o seguinte fato: *“Ele me amou e a si mesmo se entregou por mim”* [Gl 2:20]. A partir daí recebemos da expiação tão duramente conquistada pelo Senhor, e saímos na direção de uma nova vida não somente perdoados, mas limpos e justificados.

CAPÍTULO 2

A morte para a penalidade do pecado é o caminho para uma vida de justificação

Logo que somos libertos descobrimos, do outro lado da Cruz, o início de uma nova existência: o amor do Crucificado toca as fontes do nosso ser e nos encontramos em outro mundo, debaixo de um céu aberto.

“Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” [1Pe 3:18].

Será que alguém que leu essas palavras está se esforçando para substituir sua vida natural pela espiritual tomando “algum outro caminho” que não seja o da Cruz?

Isso é tão impossível quanto chegar ao dia de amanhã sem precisar passar pela noite. Seu combate é contra o próprio Deus. Se entregue, ache-se e aceite os Seus termos. Renda-se *agora*.

* * * * *

Mas, por mais abençoada que seja esta passagem para uma vida de paz com Ele, aí da alma que pára nesse ponto, acreditando que a meta foi alcançada. Essa alma míngua, por assim dizer, como um broto atrofiado. Santidade, não segurança, é o objetivo de nosso chamado.

Logo, surge uma nova necessidade de libertação, que exerce pressão sobre aquele que é fiel à voz de Deus falando em seu coração. Vemos as duas vidas juntas, uma recém-nascida e fraca, a outra forte, devido ao crescimento anterior.

“A carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne” [Gl 5:17]. A força da vontade é distraída entre essas duas vidas, assim como a seiva de uma planta flui parcialmente para as folhas antigas e condenadas, enquanto flui também para os novos brotos que acabam de despontar.

Consequentemente, vemos o conflito de um reino dividido: às vezes uma vida cresce e floresce, em outros momentos, a outra. As duas vidas também combatem, em outras ocasiões, até que é levantado o clamor: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará?” [Rm 7:24].

Aqui novamente, quando o ponto de desespero é alcançado, percebemos que nossos esforços em busca da santidade são tão fúteis quanto foram nossos esforços na busca da aceitação de Deus. A porta de fuga se abre diante de nós mais uma vez.

Glória a Deus, pois há uma *saída definitiva* dessa vida de prisão, combates e fracassos, pecados e arrependimentos, na qual muitas almas se debatem por anos a fio, mesmo depois que a questão do perdão de pecados inicial é resolvida.

Esse caminho é, novamente, *o caminho da morte*.

Um estágio de morte deve ocorrer na planta antes que as novas folhas possam crescer e prosperar. Deve haver uma escolha deliberada entre as folhas antigas e as folhas novas; uma deve dar lugar à outra. O fruto do carvalho precisa chegar ao ponto quando deixará de preservar os farrapos da existência anterior, deixando tudo para trás na direção do novo broto. O galho deve tirar sua seiva da folha do ano anterior, deixando-a fluir para o broto jovem.

Antes que a alma possa realmente adentrar numa vida de santidade com todas as suas infinitas e benditas possibilidades, uma escolha semelhante a essa deve ocorrer: todo pecado conhecido deve ser deliberadamente abandonado, para que a corrente ascendente possa fluir com todo o seu poder.

“Mas”, você diz, “tentei repetidamente desistir do pecado: orei e tomei essa decisão, mas a vontade encontra seu caminho de volta na direção dos canais antigos, reavivando o passado, antes mesmo que eu perceba”.

Veja a nossa parábola:

Se você examinasse o pedúnculo de uma das folhas mortas em um microscópio, descobriria que o canal antigo está sedimentado por uma barreira invisível a olho nu. A planta fechou o canal da folha do ano anterior, condenando-a à decomposição, logo, sem mais esforço, o talo afrouxou, os ventos de Deus sopraram ao seu redor, e elas caíram.



[Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus].

Mas que barreira é essa que podemos colocar entre nós e a velha natureza? Onde está essa sentença de morte?

Vamos voltar à cruz novamente! Está lá, ao nosso alcance.

“Foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado”
[Romanos 6:6,7].

CAPÍTULO 3

A morte para o pecado é o caminho na direção de uma vida de santidade

A cruz de nosso Senhor Jesus Cristo desliga a nossa vida do pecado. Como um canal entupido, a Sua vida representa uma barreira invisível e abençoada entre nós e o pecado, quando “reconhecemos” Sua presença, sustentando-a pelo exercício da fé e da vontade. Aquele sepulcro aberto de onde o Senhor saiu é o caminho disposto diante de nós na direção de uma vida onde esses poderes poderão se desenvolver com todo o vigor da primavera.

A seiva – a vontade ou o “ego” – é retirada da existência anterior, com todos os seus objetivos e desejos, passando a ser dirigida para a nova. Ela é direcionada para o outro lado, e passamos a nos apegar ao fato de que *esta* passou a ser nossa vida, *a única que tem o direito de existir*. Consideramo-nos mortos para a vida antiga; e nos consideramos vivos para a nova. “Abandonamos” a primeira, “tomando” a última.

Vejamos um exemplo prático: suponha que um velho hábito de duvidar e temer se afirma em sua alma, de forma viva e forte. Eis o que você deve fazer: feche a porta diante da dúvida, cerre seus olhos para ela, considere-se morto.

E então conte com o crescimento da vida recém-nascida da fé em sua alma, investindo todas as suas forças em crer. Erga seus olhos para o Deus em Quem você crê, acredite, como se o motivo da dúvida não estivesse ali. Então a seiva, cessando de alimentar o rebento antigo, fluirá para o novo.

Mas seria esse “despojar do velho” um ato único ou um processo gradual? Ambos. Trata-se de uma decisão tomada de uma vez por todas, mas que é confirmada em cada detalhe do nosso dia a dia.

No primeiro momento em que a seiva começa a se retirar e o caule das folhas começa a entupir, o destino da folha já está selado: não haverá possibilidade de reverter essa decisão. Cada novo dia será uma execução constante do propósito da planta: “a velha folha morrerá e a nova viverá”. Assim, também será com sua alma.

Tome a decisão de uma vez por todas: “todo pecado conhecido deve sair – se existir

uma libertação, eu a terei.”

Interponha a Cruz de Cristo, em seu misterioso poder de entrega, *irrevogavelmente* entre você e o pecado, sustentando-a ali. Essa é sua parte, você deve fazê-lo. Não será possível nenhum progresso até que você decida se separar de todo o pecado conhecido – todo pecado de pensamento, palavra ou ação, todo elo com o mundo, com a carne ou com o diabo. Abandone tudo que permitir qualquer sombra de dúvida, quando estiver debaixo da luz de Deus.

Faça isso, não por meio de lutas graduais, mas por meio de um ato honesto de renúncia, sustentado pela fé e obediência. Ao tomar essa decisão de acordo com o seu conhecimento atual, você deve determinar que essa será a sua atitude daí em diante em relação a tudo o que “não é do Pai”, na medida que receber mais revelação de Sua crescente luz.

Então, Deus entrará em cena com um sopro do Seu poder da ressurreição; pois a Cruz e o sepulcro vazio não podem ser separados por muito tempo. A lei do Espírito da Vida poderá operar livremente, à medida que você deliberadamente abandonar todo apego ao pecado; o poder de Sua obra no nosso interior afastará o pecado, e os Seus ventos ao nosso redor nos tornarão “de fato livres”, como esses jovens brotos passam a ser, quando caem as folhas do ano anterior.



[A lei do Espírito da Vida].

Isso nos leva ao lado positivo da Cruz, pois quando a sentença de morte sobre a velha natureza é executada, a nova natureza pode se manifestar. A separação de todo pecado conhecido é o *ponto de partida* para a santificação, não o alvo.

Esse é apenas o lado negativo da santidade, chegar ao ponto onde Deus pode desenvolver Seu ideal em nós, sem impedimentos. É quando a morte trazida pelo inverno faz seu trabalho, que o sol pode atrair em cada planta sua própria individualidade, tornando sua existência plena e perfumada. Santidade significa algo mais do que apenas varrer as velhas folhas do pecado, é a vida de Jesus desenvolvida em nós.

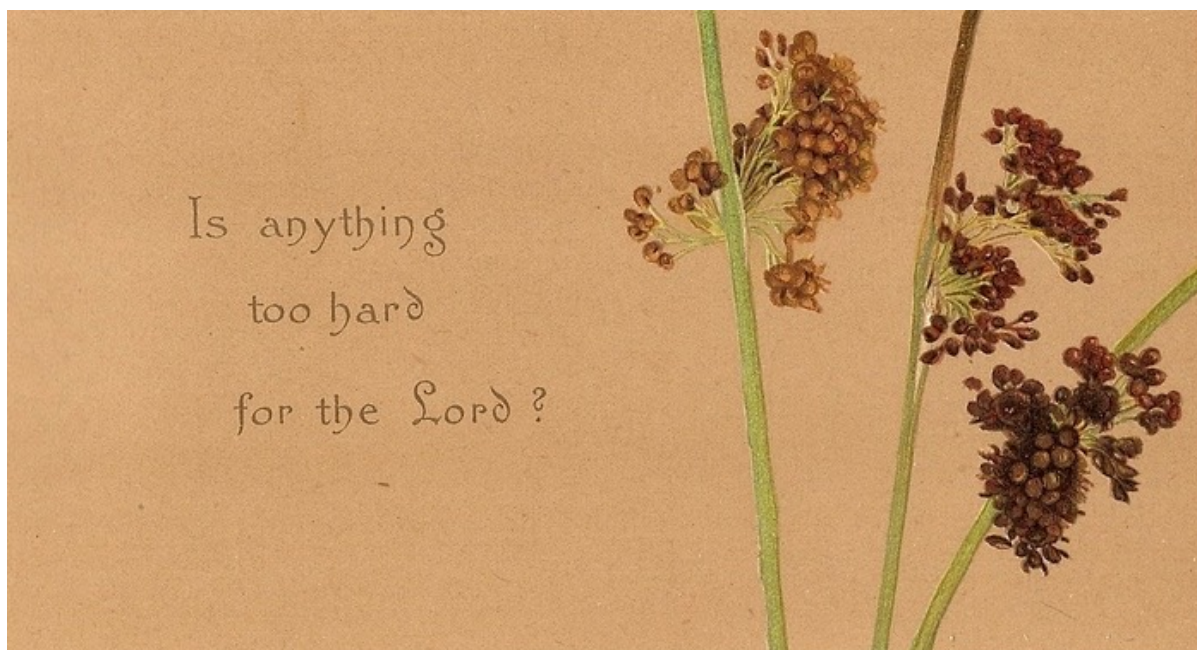
Independente de nos sentirmos totalmente impotentes quando nos deparamos com Sua vida adorável, se forem providas as devidas condições – com o poder oculto em nosso interior e os velhos pontos de crescimento fechados – o sol fará o restante do trabalho. Mesmo em meio à aparente falta de vida, da esterilidade, da dificuldade, ainda nascerão as flores.

Não vamos “limitar o Santo de Israel”, despojando Seu poder de realizar esse milagre no futuro. Quão sem esperança o tronco liso de uma árvore frutífera nos pareceria em fevereiro, se nunca tivéssemos presenciado a maravilha da primavera! No entanto, o florescer celestial brota diretamente nele, sem nenhum passo intermediário de novo crescimento.



[Trazidas pelo sol].

Olhe novamente para o junco florido. A crista irrompe do nada – do caroço que parece sem vida surgem tantas flores marrons, até quase não mais haver “espaço para recebê-las”. O que mais precisamos em nossas almas, além de ter esse Deus como nosso Deus?



[Haveria coisa demasiadamente maravilhosa para o Senhor?]

Uma vez que Ele permitiu que a manifestação de Sua graça em nossos pobres corações fosse um milagre, não existe a necessidade de adiá-la indefinidamente. Quantas das maravilhas feitas por Cristo na Terra foram a manifestação da concentração de longos processos da natureza num súbito ato de poder. Muitos doentes teriam sido curados gradualmente pelo curso da natureza, no decorrer de muitos anos a figueira teria murchado, a tempestade teria se dissipado em poucas horas. O milagre, em cada um desses casos, consistiu no processo lento ter sido acelerado por meio do sopro Divino, condensado-o em um breve momento.

Não podemos confiar nEle para operar milagres assim em nossas almas?

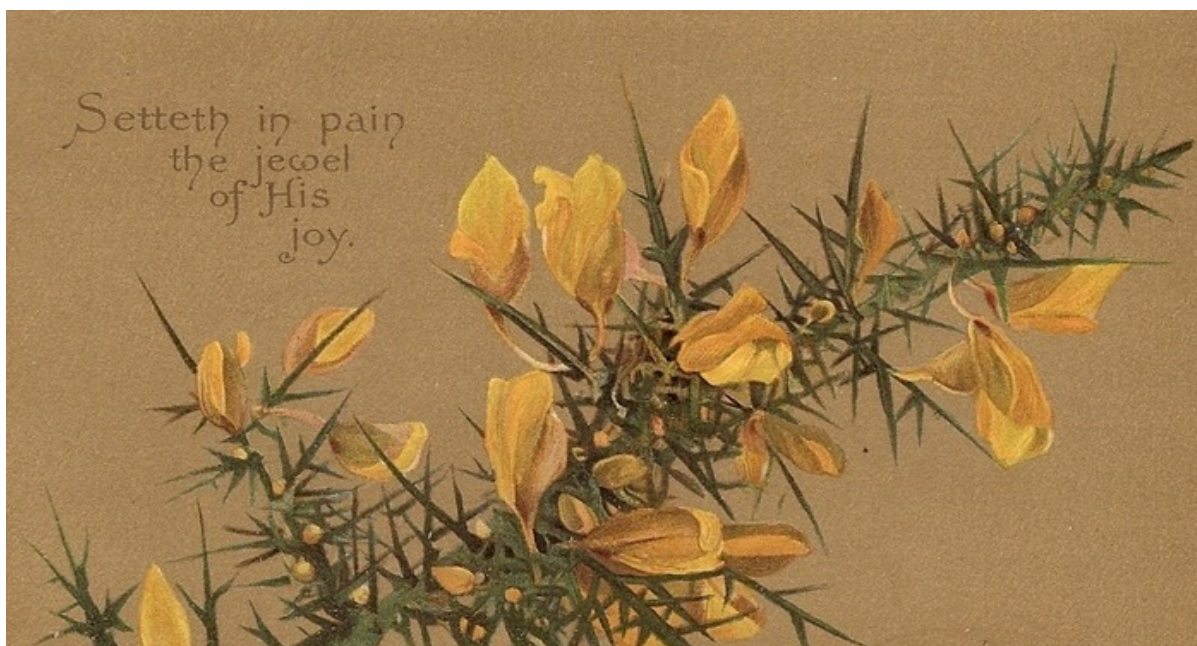
Da mesma forma “para o Senhor, um dia é como mil anos” (2Pe 3:8). Não há necessidade que desse primeiro ato da parte do Senhor de nos tornar santos seja prolongado pelo resto de nossas vidas. Um milagre – uma maravilha – isso é tudo de que precisamos, e “Ele é Deus, que opera grandes maravilhas”.

Satanás se satisfaz quando nossa fé está focada em uma santificação futura, assim como ele estava contente quando nossa fé se baseava em uma salvação futura. É quando a alma se eleva para o “aqui e agora” que o inimigo treme.

Qualquer que seja a próxima graça em relação à sua alma, pode você acreditar no seu instantâneo suprimento, diretamente de acordo com sua necessidade? O processo de Cristo é muito simples e muito rápido: “Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”.

Deus pode operar com Seu sopro vivificador tanto na esterilidade de nossas almas, como também em relação às nossas dificuldades e nas coisas ao nosso redor que nos parecem muito desfavoráveis.

Veja este pedaço de tojo. Durante todo o ano, o espinho endureceu, tornando-se muito afiado. A primavera chegou: o espinho não cai e não amolece. Aí está ele, tão intransigente como sempre foi. Então surgem duas peludas protuberâncias marrons, que inicialmente parecem meras manchas, mas finalmente se partem – saindo diretamente de dentro do espinho do ano anterior – sob a forma de uma labareda de glória dourada, cheia de perfume.



[Coloca em dor a jóia da Sua alegria].

“Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça”. [Hb 12:11].

Não importa se o problema não indicar sinais de retrocesso, é justamente quando ele parece irremediavelmente inflexível – ainda que tenha sido preservado tão vivo e forte ao longo dos dias de primavera – que veremos os pequenos brotos surgirem, e logo tudo se revestirá de glória. Tome a coisa mais difícil da sua vida – um local de dificuldade, exterior ou interior, e espere que Deus triunfe gloriosamente ali. Sim, Ele pode fazer sua alma florescer!

* * * *

E assim a primavera se estende, até passar mais uma vez pela sombra do Calvário. Pois a bem-aventurança de receber não é tudo o que Deus tem para nós. Um mundo

novo está diante de nós – um mundo de entrega. Primeiro *a entrega a Deus* em rendição, depois *a entrega ao homem* por meio do sacrifício.

Uma flor que interrompe seu processo após o florescimento perde de vista seu propósito. Fomos criados para algo mais, além do nosso próprio desenvolvimento espiritual. Sim, reprodução, não mero desenvolvimento, é o objetivo do ser amadurecido – reprodução em outras vidas.

Vemos uma tendência em alguns espécimes, que é gastar toda a sua energia na produção de flores, às custas das sementes. Flores que se empenham em aperfeiçoar-se, tornando-se dobradas, acabam por se tornar estéreis.

O mesmo ocorre à alma cujos interesses estão todos concentrados em seu próprio bem-estar espiritual, sem levar em consideração as necessidades ao seu redor.

A flor ideal é aquela que usa seus dons *como meios* para um propósito; o seu brilho e a doçura não visam sua própria glória; mas são apenas usados para atrair as abelhas e borboletas que a fertilizam, tornando-a frutífera. Tudo pode ser abandonado, quando o trabalho estiver concluído: “é mais abençoado dar do que receber”.

Nós somos “salvos para salvar” – fomos criados para dar – para entregar tudo, se tivermos algo mais a dar. O seixo absorve todos os raios de luz que são lançados sobre ele, mas o diamante os redistribui. Cada pequena faceta é um meio, não apenas de receber mais, mas de conceder mais. A beleza sobrenatural da opala surge por meio do mesmo processo, realizado *dentro* da pedra: o microscópio mostra que ela é quebrada através de inúmeras fissuras que capturam, refratam e irradiam todos os raios que ela recebe.

Sim, temos diante de nós *a possibilidade* de uma bela vida, que terá uma paixão por dar e que será derramada para Deus – gasta a favor do homem. Ela será consagrada “para o serviço mais árduo e a favor dos pecadores mais sombrios”.

Mas, como devemos entrar nessa vida? Como devemos escapar da nossa própria vida egoísta, que nos aprisiona, mesmo depois que a vida pecaminosa afrouxou seu domínio?

Retornemos à cruz! Ela não apenas nos liberta do mundo da condenação e do pecado no momento em que a aceitamos, mas também nos liberta *do poder das coisas exteriores e da servidão do ego*.

Essa cruz não só abre a porta para o mundo de remissão e de santidade, mas também nos introduz na esfera da rendição, e então, do sacrifício. Isso porque a ideia

essencial da Cruz é uma vida entregue, para ser novamente encontrada naqueles ao nosso redor.

Vamos olhar para as alegorias de Deus. À medida que a planta se desenvolve, surge uma nova etapa de entrega.

A princípio, eram apenas as folhas mortas e desfiguradas que deveriam desaparecer – agora são as pétalas novas e tão belas que também devem cair, sem nenhum motivo visível – e ninguém parece ser enriquecido com esse processo.

O primeiro passo para a esfera da entrega é o de uma rendição semelhante a essa – não humana, mas Divina: *uma entrega absoluta do nosso melhor*. Enquanto nossa idéia de *rendição* se limitar à renúncia das coisas ilícitas, nunca compreendemos seu verdadeiro sentido: não poderemos oferecer a Ele nada contaminado, só o melhor [Nm 18:32].

Aquela vida derramada na Cruz não era pecaminosa – Aquele tesouro derramado era uma dádiva, abençoado por Deus, era lícito e poderia ter sido preservado, só que à Sua entrega estava atrelada a vida do mundo!

CAPÍTULO 4

A morte para as coisas lícitas é o caminho para uma vida de entrega

Olhe para este botão de ouro, ao começar a aprender sua nova lição. As mãos do cálice se fecham firmemente sobre o botão que envolve as belas pétalas. Na flor jovem, seu aperto se torna mais elástico, reduzindo um pouco durante o dia, mas ainda sustentando seu poder de contração. Esse poder o torna capaz de se fechar novamente durante uma tempestade ou durante a noite. Mas observe a flor central, que atingiu a maturidade. O cálice se abriu completamente – se dobrou para trás, perdendo todo o poder de se fechar novamente. Agora a coroa de ouro está livre para flutuar, quando o tempo de Deus chegar.



[Das tuas mãos to damos -1Cr29:14].

Já aprendemos a lição do botão de ouro? Já tiramos nossas mãos da flor de nossa própria vida? Será que todas as coisas – mesmo os tesouros que Ele santificou – tem sido segurados com leveza, estando prontos para ser entregues, sem luta, quando Ele assim demandar?

Essa nova vitória sobre a morte não será conquistada somente com o relaxamento

parcial de nosso domínio sobre esses tesouros, se ainda preservarmos o poder para retomá-los, quando assim desejarmos. Essa vitória é obtida quando o próprio poder de retomar o objeto entregue for absolutamente rendida. Isso ocorre quando nossas mãos, como as pequenas mãos do cálice dos botões de ouro de Deus, forem dobradas para trás em absoluta rendição. A morte significa desprendimento, sem qualquer capacidade de se agarrar ao objeto novamente.

De fato não há nada estranho em Deus aceitar nossas palavras, tirando de nós, por um tempo, tudo aquilo que tornou a nossa vida bonita. Podem ser coisas exteriores – conforto, lazer, cultura, reputação, amizades – que podem se afastar quando nossas mãos se recusarem a se apegar a qualquer coisa que não for a vontade de Deus para nós.

O esvaziamento pode ocorrer na nossa vida interior, quando precisaremos deixar de lado as terras ensolaradas do gozo espiritual, para percorrer sucessivos campos de batalha de tentação, para que cada centímetro do nosso fundamento seja provado. Pode até parecer, por vezes, que não resistiremos às provas – até chegarmos ao ponto em não encontraremos descanso em nenhuma experiência ou lugar no céu ou na terra, somente *no próprio Deus*. Então, estaremos “*devastados, mas em Deus*”.

Como as flores, tenha fé para entregar as coisas antigas. Conquiste a bem-aventurança do Senhor, como Ele bem disse: é “*bem-aventurado é aquele que não achar em Mim motivo de tropeço*” [Lc 7:23]. Essa é a intitulada “*bem-aventurança da confiança*”. Se apegue a isso, mesmo que tenha que conquistá-la como João Batista, em um momento de desolação. Você declarou que Ele é tudo que deseja. Será que estará pronto para ratificar essas palavras, quando Seu processo de esvaziamento tiver se iniciado? Será que Deus é mesmo suficiente? Você ainda o chamará de “*Meu Deus*”, assim como Jesus fez, quando nada mais Lhe restava?

Sim, a morte prática com o Senhor para coisas *lícitas* corresponde à simples entrega do Senhor na cruz, quando Ele entregou tudo, ficando somente com Deus. Isso não será alcançado *por meio de luta, mas simplesmente entregando*, assim como o corpo se entrega finalmente à morte física, que dele se apodera. Assim o cálice moribundo entrega sua flor. Não nos entregamos à uma lei de ferro, com uma pressão impiedosa, mas nos rendemos *nas mãos do Pai*. É *nessas mãos* que nosso espírito se derrama, na medida que nos permitirmos conformar à morte de Jesus.

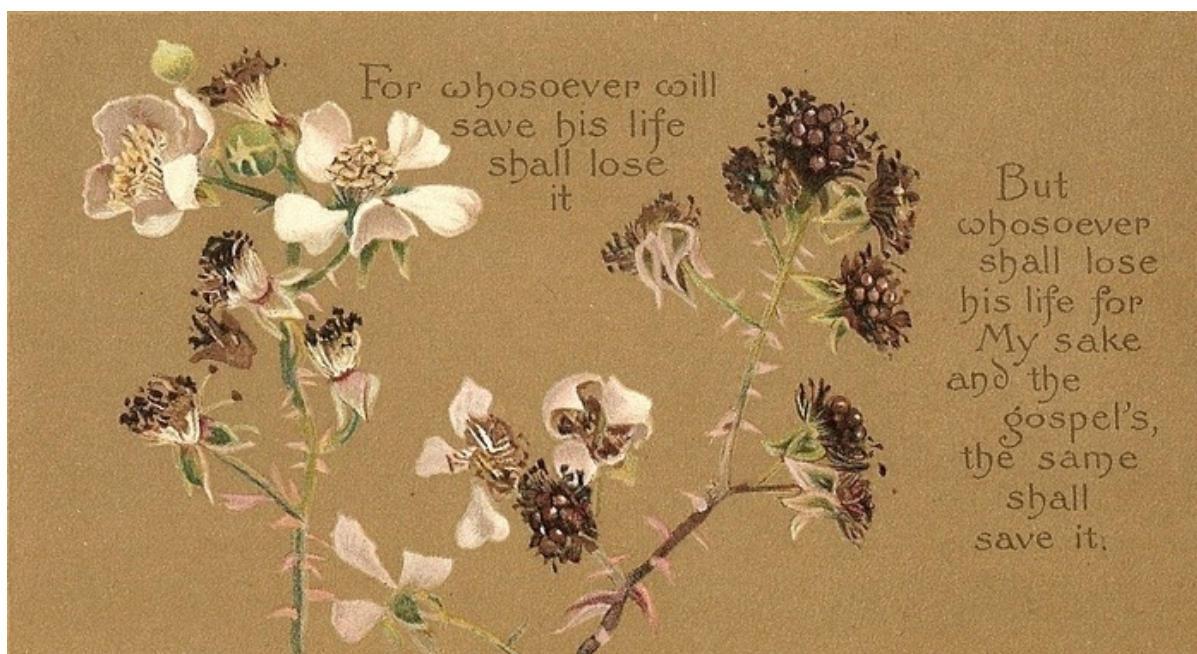
Tudo isso te parece difícil? Será que alguma alma nesta vida e na porvir recuará, dizendo: “*Prefiro permanecer na primavera – não quero seguir adiante, se isso implica em todo esse sofrimento*”?

Para isso temos a voz do Mestre: “*Não temas as coisas que tens de sofrer*” (Ap 2:10).

Você está certo ao se alegrar nos dias de primavera, enquanto Ele permitir que eles durem. Cada estágio do crescimento celestial em nós é amável para Ele. Ele é o Deus das margaridas, dos cordeiros e dos corações alegres das crianças!

Pode ser que nenhum caminho de perda esteja diante de você; existem pessoas cuja trajetória é comparável àquelas regiões onde a primavera e o verão se interpõem. Para elas, os processos de outono são quase que imperceptíveis, quando vão e vêm.

A única coisa que devemos fazer é manter a obediência em espírito; então, estaremos prontos para deixar passar o tempo das flores, se Ele assim demandar, e se o sol de Seu amor estiver estimulando um pouco mais nosso amadurecimento. Você perceberá, então, que tentar manter as flores murchas irá arruinar sua alma. É uma perda retê-las, quando Deus nos diz para 'entregar'.



[Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á – Mc 8:35].

Aqui, mais uma vez, a morte se torna no portão da vida. Ela é uma entrada, não apenas uma saída. Representa a liberação de novos poderes, à medida que os antigos tesouros flutuam pelo ar, assim como acontece com as pétalas moribundas.

Não poderemos ter uma consciência da morte, essas palavras, em termos, nos parecem uma contradição. Isso porque se tivéssemos literalmente passado deste mundo para o próximo, não nos sentiríamos como mortos, mas apenas teríamos uma consciência de uma nova vida maravilhosa pulsando dentro de nós. Nossa consciência da morte seria uma questão totalmente negativa – as velhas dores seriam incapazes de nos atingir, e os velhos laços não poderiam mais nos acorrentar. Nossa consciência teria passado para a nova existência, então seríamos independentes da

antiga.

Uma independência como essa é a característica do novo fluir da vida de ressurreição que infunde nossas almas, quando aprendemos esta nova lição da morte: ela traz uma grande independência de qualquer coisa terrena para satisfazer nossa alma, é uma liberdade daqueles que não têm nada a perder, por não ter nada a guardar. Podemos ficar *sem nada* enquanto tivemos Deus. Aleluia!

Mas isso não é tudo. Veja a expressão de entrega desse cálice de rosa selvagem, com o passar do tempo. Ele começa a crescer no sentido de considerar todas as coisas como perda, o vazio mudo desapareceu – ele recebe nova alegria agora, pois ao mesmo tempo que morre, uma nova vida, mais rica, começa a trabalhar em seu coração – tanta morte, tanta vida – porque

“Sempre com a morte entretetece

A urdidura e trama do mundo.

As adoráveis pétalas de rosas selvagens que se foram são quase esquecidas nesse processo de “avançar para as coisas que estão adiante”. Então, um vaso de sementes começa a se formar, e é “produzido. . . para dar frutos”.



[Para trás arremesso como refugo, meu antigo eu e seus caminhos, avançando cada vez mais longe, na busca pelas coisas que estão além desses dias limitados pelo tempo].

Sim, ainda há outro estágio a ser desenvolvido em nós depois que a lição da rendição absoluta e inquestionável a Deus for aprendida. Uma vida que foi

derramada para Deus deve encontrar sua coroa, sua conclusão, ao ser derramada para o homem; crescendo da rendição com direção ao sacrifício. *“Mas também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós”* [2Co 8:5].

Voltando novamente para a cruz; se houver algum lugar onde essa nova lição possa ser aprendida, ali estará!

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” [1Jo 3:16].

O próprio amor do Calvário deve visitar nossa alma: *“mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo”* [Fp 2:17], foram as palavras do apóstolo que mergulhou mais profundamente no espírito do Mestre. Ele novamente disse:

“Em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” [2Co 4:12].

“Porém em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério” [At 2:24].

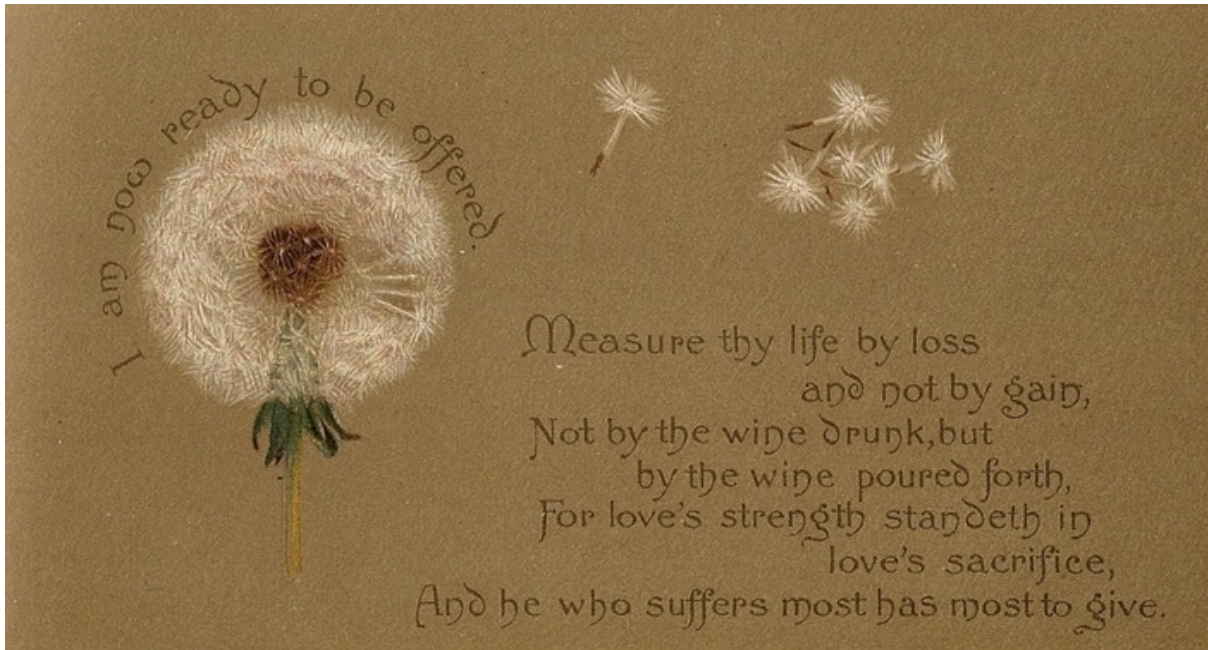
O morrer será cada vez mais profundo, pois maior e mais plena será a vida que devemos liberar – e não mais será limitada pelo nosso próprio ser, mas terá infinitos poderes de multiplicação em outras almas. A morte deve atingir as próprias fontes de nossa natureza, para libertá-la.

Não é *isso* ou *aquilo* que deve ser entregue nesse momento: devemos entregar *nossa própria vida* de forma cega, impotente e despreocupada. A morte deve vir sobre *tudo* o que impediria a ação de Deus através de nós – todos os interesses, os impulsos, as energias que “nasceram na carne” – tudo o que é meramente humano e separado do Seu Espírito.

Somente assim a Vida de Jesus, em Sua intensidade de amor aos pecadores, terá um caminho livre através de nossas almas.

CAPÍTULO 5

A morte para o ego é o caminho para uma vida de sacrifício



[Estou sendo já oferecido por libação – 2Tm 4:6. Mensure a vida pela perda, não pelo ganho, não pelo vinho bebido, mas pelo derramado, porque a força do amor reside no sacrifício, e aquele que mais sofre, mais tem a oferecer].

Há muito tempo, esse dente-de-leão entregou suas pétalas douradas, chegando ao seu ponto culminante na morte. Esse delicado globo formado por sementes em breve se romperá, entregando tudo até nada mais possuir.

Que revolução viria sobre esse mundo – cheio de famintos por todos os lados, se esse fosse nosso padrão de entrega, se o povo de Deus se aventurasse em “se tornar pobre” como Jesus, pela necessidade ao seu redor. Que bom seria se o “eu”, o “mim” e o “meu” fossem realmente deixados de lado, e não mais fossem considerados quando se deparassem com tais necessidades.

O momento dessa nova morte está claramente definido no globo do dente-de-leão, e é marcado pelo desapego. Não há sentimento de angústia, pois já está preparado, sustentando sua pequena vida, sem saber *quando, onde* ou *como* o vento irá soprar e levá-la embora. Ele não se sustenta mais *para si mesmo*, mas apenas *para ser entregue*, o sopro do vento faz o resto, transformando a “prontidão da vontade” em “ação”

(2Co 8:11).

Para uma alma que foi conduzida até esse ponto por meio de “mortes frequentes”, até mesmo aqueles atos que parecem envolver um esforço de sua parte, tornam-se em algo natural, espontâneo, envolvidos pela “involuntariamente do celestial”, pois são simplesmente um resultado do amor de Cristo que nela habita.

Não deveríamos pedir a Deus para nos indicar onde está o obstáculo para esse esvaziamento? Não é só o egoísmo, em seu sentido comum, que o impede. Muito tempo depois que fomos purificados pelo Sangue Precioso, a vida do ego ainda pode permanecer despercebida sob as formas mais sutis. Ela pode coexistir com muitas coisas que se assemelham ao sacrifício, utilidade e abnegação, e, ainda assim, debaixo dessa superfície, ainda pode permanecer um apego aos nossos próprios julgamentos, uma confiança em nossos próprios recursos, uma tomada inconsciente de nosso próprio caminho, mesmo no serviço a Deus.

Essas coisas se mantêm firmes, segurando nossa alma e suprimindo o Espírito em Sua obra. A vida latente do ego precisa ser trazida para o local da morte, antes que o sopro do Senhor possa nos levar para lá e para cá, quando o vento soprar as sementes. Estaremos prontos para esta última rendição?

Você se pergunta: “Será que Deus realmente deseja que o esvaziamento chegue até esse ponto?”

Estude a vida interior de Jesus. *“Não falo de mim mesmo”,* disse Ele. *“Eu nada posso fazer de mim mesmo”; “não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou”* [Jo 5:30]. Sua vida humana sem pecado foi estabelecida para que Ele pudesse viver por meio do Pai. Não deveríamos entregar a nossa vida do ego, contaminada e sem valor, para que também possamos viver por meio dEle?

Mas como isso seria possível? Novamente, *não devemos lutar e combater, mas morrer para isso em Jesus. “Estou crucificado com Cristo”*. Na própria essência do meu ser, me entrego à morte, e pelo poder misterioso com que Deus responde à fé, descubro que Ele a torna em algo real: os laços são soltos e Ele pode ter o Seu caminho livre comigo.



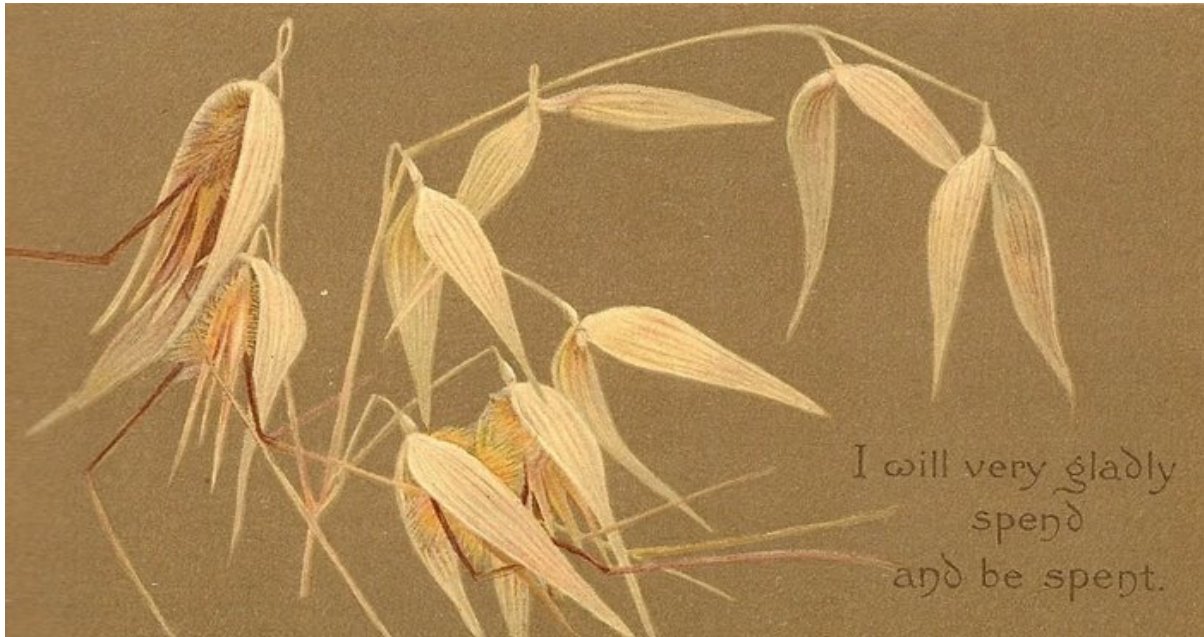
[Não com tristeza, ou por necessidade – 2Co 9:7].

Veja nessas vagens selvagens como os últimos filamentos minúsculos precisam ser quebrados e, com isso, tudo o que eles possuem é liberto para o uso de Deus no mundo que os rodeia.

Toda relutância, todo cálculo, todo reter se foram. Agora, as cascas são abertas e as sementes podem se soltar, sem impedimentos. As quebras são sucessivas:

- a semente se quebrou para entregar os brotos;
- o broto da folha se quebrou, para liberar a folha, e o botão de flor também fez isso para liberar a flor;
- mas tudo não teria nenhum proveito prático, se agora seu conteúdo fosse retido.

“O cumprimento da lei é o amor” [1Co 13:10], e o sacrifício é o próprio alento vital desse amor. Que Deus nos mostre todos os fios retidos do ego que precisam ser quebrados, e que Seu toque os leve a murchar até a morte.



[Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar – 2Co 12:15].

Veja como esse pedaço de aveia está se esvaziando. Observe a grande abertura dos involúncros das sementes, que entregam tudo o que tem. Veja como, em seguida, elas dobram suas mãos: a obra está concluída. “Ela fez o que pôde” [Mc 14:8]. Oh, que profundidade de descanso recai sobre a alma, quando a voz do Amado lhe diz essas palavras! Seriam elas proferidas para nós?

Aquele vaso que contém as sementes não ambiciona mais nada, além da chance de se derramar. Seu propósito é cumprido quando o vento sacode a última semente, e pedúnculo é abatido pelas tempestades de outono. Não apenas se gasta, mas “se deixa gastar”, finalmente. É por intermédio da pobreza de Cristo que somos enriquecidos: “pobres, mas enriquecendo a muitos”, é a marca daqueles que seguem Seus passos [2Co 6:10].

Será que estamos, de fato, seguindo Seus passos? Como os lugares mais escuros da terra clamam por todo esse poder de doar, viver e amar que estão trancados em tantos corações!

Como lugares desolados suplicam pelo tesouro que existe em abundância, estocado nas sementeiras do jardim de Deus que não foram quebradas nem esvaziadas para o Seu mundo, liberadas para o Seu uso.

Não liberaremos tudo de bom grado? Não é *com má vontade* ou *por necessidade* que os pequenos escrínios se partem e espalham a semente, mas essa é uma doação alegre, e que Deus ama. Você já reparou quantas vezes o cálice vazio se transforma num diadema? Eles são coroados por seu ministério, como se estivessem se gloriando em

seu poder *de se dar*, à medida que o tempo se aproxima?



[Coroado... para que... provasse a morte por todo homem. Nos constituiu reis e sacerdotes para Deus. Sacerdício santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais – Hb 2:9; Ap 1:6; 2Pe 2:5].

Até mesmo nesse mundo, em certa medida, a *fidelidade até a morte* e a *coroa da vida* andam juntas. Se com Ele sofreremos, também com Ele reinaremos.

Mas é quando o sol deixa nosso horizonte para iluminar terras longínquas na primavera que a glória tem início. É no outono, quando realizamos a colheita, e os frutos são armazenados para o uso do homem, que o brilho vermelho e dourado toca e transfigura os arbustos e árvores com uma beleza que não era visível nos dias de verão.

O mesmo acontece conosco: o puro e claro alvorecer da purificação através do Sangue, a alegria do nascer do sol na vida da ressurreição; a luz do meio-dia e o calor do crescimento e do serviço, todos são bons, em seu próprio tempo. Aquele, no entanto, que pára no meio do processo, perde a coroa da glória, diante da qual o reluzir dos dias anteriores se empalidece e desbota.

O brilho e o esplendor de uma vida entregue à morte começam a se acumular, quando uma vida é derramada para Jesus e por Seu amor a outros. É a partir daí que até as coisas mais comuns passam a manifestar uma nova beleza, como acontece no pôr do sol, pois Sua vida se torna "*manifesta em nossa carne mortal*" [2Co 4:11]. Uma flor desabrocha sobre a alma, como a beleza do fruto surge, no momento do seu sacrifício.

Que possamos aprender a morrer para tudo que é egoísta por meio dessa alegria

majestosa, que é capaz de tragar vitoriosamente a morte nesse mundo de Deus que nos rodeia! O Senhor pode tornar cada passo do caminho inundado por esse triunfo da alegria, assim como reluzem as folhas douradas. Glória ao Seu Nome!

E o resultado, como acontece no outono, é que um novo poder passa a ser liberado, um poder para multiplicar a vida ao nosso redor. A promessa feita a Cristo foi que Ele veria Sua posteridade, por Ele ter derramado Sua alma na morte. Ele conduz Seus filhos, em pequena medida, pelo mesmo caminho que tomou [Is 53:10,11].

Repetidamente vemos a promessa da semente atrelada ao sacrifício, como aconteceu com Abraão, Rebeca e Rute; todos aqueles que entregaram tudo ao Seu comando, e receberam cem vezes mais, pois o sacrifício é o fator de Deus na Sua obra de multiplicação.

“Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” [Jo 12:24].

A vida derramada é abençoada por Deus – essa vida não atenta para si mesma, se ao menos outras almas puderem ser conquistadas. *“Pedi, e dar-se-vos-á”* é uma das lições iniciais de Deus para Seus filhos [Mt 7:7]. *“Dai, e dar-se-vos-á”*, vem logo a seguir [Lc 6:38].

A razão é que, para aquele que está pronto para abandonar a própria vida, Deus, o Espírito Santo, pode vir, habitar e operar sem restrições. Por meio dessa habitação, Ele manifestará dentro de nós Seu maravilhoso poder Divino de *comunicar vida* – de reproduzir a imagem de Jesus nas almas ao nosso redor.

É verdade que uma regra às vezes tem exceções, para alguns, uma vida abençoada com frutos para Deus ocorre maneira simples, sem nenhum processo aparentemente severo de morte, da mesma maneira que existem plantas que se reproduzem por meio de bulbos, rizomas e tubérculos, sem precisar passar pelo processo de despojamento e dispersão que acabamos de contemplar.

Mas a lei da criação é que as *“ervas dão semente e árvores frutíferas que dão fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra”* [Gn 1:11]. Que seja causa de alegria, então, ver esta lei se cumprir em nós.

“Se morrer, produz muito fruto”. Seja servindo entre os perdidos, ou por meio de dores de parto pelos filhos de Deus, para que Cristo seja formado neles. De qualquer maneira, teremos vida trazida à luz.

Isso não implica no fato de que *toda* semente brotará, pois isso não ocorre na

natureza. A obrigação da planta é dispersar as sementes, sem retê-las, não sabendo qual delas prosperará, esta, aquela, ou até mesmo as duas. Uma vez que as sementes são dispersas, a responsabilidade é transferida para o solo que as recebe. Mas o objetivo da planta – de todos os brotos, flores e seu consequente amadurecimento – é que *todas* as sementes tenham a vida *potencial* contida dentro delas.

Assim, somos responsáveis, não pelos resultados tangíveis de nosso ministério a outros, mas por ministrar na demonstração do Espírito e do poder. Esse serviço irá transferir àqueles que estão ao nosso redor a responsabilidade por aceitar ou rejeitar a plenitude da salvação oferecida por Deus. Nesse caso, os “sinais” se seguirão.

“Será para aquele cheiro de morte para morte, e para com aqueles, aroma de vida para vida” [2Co 2:16].

Mas *“quer ouçam quer deixem de ouvir... hão de saber que esteve no meio deles um profeta”* [Ez 2:5].

* * * * *

Mas, mesmo quando o objetivo da planta é atingido, esse não é o seu fim. “Não há um fim na natureza, mas cada fim aponta para um novo começo, indicando o início de uma nova fase”.

“Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa” [Gn 7:22].

A vida conduz à uma nova morte, e essa morte nos leva de volta à vida. Sempre que pensamos ter aprendido a lição, estaremos iniciando uma nova rodada nessa espiral Divina de *“perigos de morte, muitas vezes”* [2Co 11:23 / 1Co 15:31] que será a medida de nosso crescimento, seremos *“sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal”* [2Co 4:11].



[Morrendo e, contudo, eis que vivemos – 2Co 6:9].

Esse pedaço de esfagno evidencia esse processo em miniatura: vemos estágio após estágio da morte sendo coroado constantemente com vida. Cada vez que a coroa afunda novamente na morte, essa morte é novamente coroada com vida. No próprio ato de morrer, a vida sempre está aparente. A morte diária que está no pano de fundo, passa quase que despercebida diante do olhar que a vislumbra.

Sim, a vida mais elevada, a vida da ressurreição, é radiante, alegre e forte, pois é uma representação aqui embaixo dAquele que vive, esteve morto, mas está vivo para sempre [Dn 7:11; Ap 1:18].

Foi necessário enfatizar o portão da morte nessas páginas, mas um portão nunca será *um lugar de habitação*. Nossa almas não devem parar e pairar no estágio da morte, mas devem atravessá-lo com o exercício da vontade na direção da luz que está adiante. Podemos e devemos, como as plantas, preservar suas marcas, mas elas devem ser visíveis a Deus, não ao homem. Afinal, acima de tudo, isso deve fluir e transbordar na vida de Jesus. Não ofusquemos ESSA VIDA pela sombra do desânimo ou da melancolia. Nosso Deus não é Deus de mortos, mas de vivos [Mt 22:32], e deseja que deixemos brilhar a glória de Sua alegria.

Pense nessa maravilha – a própria Fonte da Vida brota de dentro de nós, substituindo tudo o que entregamos, pouco a pouco, no Seu sepulcro.

“Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” [Gl 2:20].

Pouco temos experimentado dos recursos residentes nessa poderosa habitação. Pouco aprendemos sobre o que é ter todas as fibras da nossa alma entretecidas pelo

Seu poder. Que Deus nos conduza, não importa qual seja o preço, à tudo o que se *pode* aprender a esse respeito aqui na terra.

Os resultados não precisam terminar com o fim de nossos dias. Se Jesus tardar, nossas obras nos seguirão. O cumprimento dos sinais ao nosso redor podem nos fazer acreditar que não provaremos a morte, e faz-nos sentir como se o tempo que nos resta para trabalhar e sofrer por Ele estivesse ficando cada vez mais curto.

Mas, se esse último portão precisar ser cruzado antes que nossos espíritos sejam libertados para a terra da vida perfeita, Deus poderá usar, pela maravilhosa solidariedade de Sua Igreja, essas coisas que Ele operou em nós para a bênção de almas desconhecidas.

A vitalidade ainda pode ser transmitida, da mesma forma que esses galhos e folhas de anos passados do azevinho cuja individualidade é esquecida, ainda transmitem vida aos brotos recém-nascidos. Só Deus conhece as infinitas possibilidades entesouradas em cada um de nós!



[Suas obras os acompanham – Ap 14:13].

Não deveríamos permitir que Ele faça o que Lhe apraz? Não devemos seguir com Ele por todos os Seus caminhos, para cumprir Seus planos para nós? Não deveríamos seguir como as “plantas que recobrem a terra” em sua inconsciência, ainda assim manifestando a glória do livre arbítrio? Não devemos traduzir em nossa vida a sua história?

Aprender do ensino da natureza a respeito da entrega e sacrifício não se trata de

misticismo fantasioso; mas uma realidade simples que pode ser experimentada a todo momento – e *deve ser provada*.

Se estivermos compreendendo a morte de Cristo em Seu poder libertador, nossos lares não se demorarão a encontrá-la.

* * * * *

“Ó Jesus crucificado, Te seguirei nos Teus caminhos. Inspire-me para o próximo passo, seja à sombra da morte ou da luz. Certamente o lugar onde estiver meu Senhor, o Rei, seja na morte ou na vida, também ali estará Teu servo.

Amém”.